

As Festas Religiosas e a Demarcação do Tempo na Roma Antiga

Carolina Bertassoni dos Santos¹

Resumo: Este trabalho tem como tema as festas religiosas romanas analisadas em sua relação com a apreensão e o registro da passagem do tempo. Através do estudo dos fenômenos da festa, da religião, do tempo e da economia, busca-se encontrar uma possível ligação entre as festas religiosas pagãs e os meios pelos quais os antigos romanos vivenciavam e contabilizavam o tempo. O período da análise estende-se do século I a. C. ao século II d. C., e o foco reside principalmente nos estratos mais baixos da população romana, que envolve os camponeses livres e dependentes, e os escravos; e nas celebrações relacionadas à divindades agrárias. A principal fonte utilizada foi o *Fasti*, de Ovídio, escrito por volta do século I d. C., no qual o autor fala sobre as festas romanas e suas origens lendárias.

Palavras-chaves: festa, religião, tempo, agricultura.

Ao pensarmos sobre a Antigüidade, algumas das perguntas que podemos nos fazer são: como aqueles homens, que viveram há dois mil anos atrás, faziam para se situar no tempo? Como eles sabiam que era época para plantar, ou colher? Ou qual seria o dia de comparecer a uma assembleia ou ir ao mercado? Na Roma Antiga, mais especificamente, entre os séculos I a.C. e II d. C., os homens já eram detentores de um conhecimento considerável sobre os movimentos dos astros e sua interferência na terra, de tal maneira que o calendário romano foi primeiramente baseado no ciclo lunar e, posteriormente, no solar.

Os calendários eram, no entanto, de acesso restrito a uma minoria, e para a maior parte da população a maneira de se guiar em relação às épocas do ano apoiava-se nas mudanças de clima. Os solstícios e equinócios, que marcavam as mudanças das estações, eram datas tão relevantes que se tornaram dias comemorativos. Sua importância deriva do fato de que os povos antigos eram de cultura agrícola e pastoril. Excluindo uma minoria rica e privilegiada, o restante da população mantinha toda sua existência voltada para essas atividades das quais dependia a sua sobrevivência. E, sujeitas como estavam aos ciclos da natureza, nada mais lógico do que a atenção dada às mudanças de estação.

Sabemos que existiam diversas celebrações na Roma Antiga, algumas de cunho civil, ou político, como os casamentos e os triunfos, e outras de cunho religioso. Dentre as festividades

¹ Bacharel em História pela Universidade Federal Fluminense

religiosas encontramos um grande número relacionado a elementos da cultura agrícola, de modo que cabem aqui duas perguntas: seria estas festividades o ponto de referência para a contabilização do tempo para os romanos antigos? Marcariam elas o ritmo da vida social daqueles indivíduos? A principal fonte utilizada nesta pesquisa foi o *Fasti*, escrito por Públio Ovídio Nasão (*Publius Ovidius Naso*), poeta romano que nasceu em 40 a.C. e morreu em 17 ou 18 d.C.. Esta obra, que é considerada um calendário poético-religioso-romano, era composta originalmente de doze livros, dos quais permaneceram preservados apenas seis. Cada livro era dedicado a um mês do ano, neles Ovídio comenta as festas romanas e suas origens lendárias, e faz também alguns comentários sobre astronomia.

Primeiramente, então, apresentarei algumas das festividades religiosas romanas relacionadas ao ciclo agrário. Logo no início do ano havia duas festividades, a *sementivae feriae* e a *paganicae*. Ambos eram festivais de sementeira, só diferiam no fato de que a primeira era comemorada na cidade de Roma e a segunda nos distritos rurais. Estas festas eram celebradas em Janeiro, pois, uma vez que o Império Romano situava-se no hemisfério Norte, é nessa época que o inverno começava a abrandar, e a terra se encontrava no período propício para o plantio das sementes. Não possuíam data fixa em decorrência da dependência do clima, e cabia aos pontífices anunciar a data da comemoração. Eram comemoradas uma vez, e novamente após sete dias.

Um fato importante, que deve ser levado em conta é que os primeiros calendários romanos² não seguiam o ano solar de 365 dias, logo muitas vezes as mudanças de estação caíam em datas muito diferentes do ano, o que fazia com que diversas vezes fosse necessário aguardar a passagem dos dias sem registro até que o clima estivesse novamente em sincronia com os meses. Essa situação só viria a mudar com o calendário instituído por Júlio César, em 46 a.C., que adotou o ano solar. Isto pode ser encarado como um dos principais motivos pelos quais estes festivais não possuíam data fixa.

Outra festa, que começava, no final de abril, no quarto dia antes da calenda de Maio, era a *Floralia*, festa em honra à deusa Flora, que se estendia até o início de maio. Flora era a deusa das plantas e das árvores, chamada por Ovídio de Mãe das Flores. Era considerada a potência da natureza que presidia a tudo que floresce, não só nos jardins, como nos campos. A *Floralia* era uma das festas mais populares de Roma. Flora era considerada também a mãe da primavera, deusa das flores e da fecundidade. Suas festas celebravam a chegada da primavera,

² Para mais informações sobre calendários romanos ver: Macróbio, *As Saturnalias*. Caps. 12, 13e 14; Ovídio, *Fasti*. Livro 1, introdução e livro 3, introdução.

o amor, a fertilidade, o mundo vegetal em sua conexão com os homens, a juventude e o ciclo biológico humano. Seus rituais envolviam o ato de espalhar sementes pelo solo a fim de torná-lo fecundo. Sobre a deusa Flora e seu festival Ovídio escreveu (como se fosse a própria deusa falando):

Eu fui a primeira a espalhar sementes frescas entre as incontáveis pessoas,
Antes disso a terra era de uma só cor.
(...)
Talvez você pense que eu só governe as tenras guirlandas,
Mas meu poder também controla os campos dos agricultores.
Se as lavouras floresceram, o chão batido está cheio:
Se as videiras floresceram, haverá vinho:
Se as oliveiras floresceram, o ano será favorável,
E o fruto crescerá no tempo adequado.
Se a flor é danificada, os feijões e a vagem morrem,
E suas lentilhas importadas, Nilo, morrem também.
(...)
Eu também já fui uma vez negligenciada pelo Senado Romano.
O que fazer, como demonstrar a minha indignação?
Qual a punição exata para a ofensa feita a mim?
Melancolicamente, eu abandonei meu trabalho. Parei de proteger
A região rural, não dei nenhuma atenção aos jardins frutíferos:
(...)
As oliveiras estavam em flor: ventos cruéis as machucaram:
O trigo estava amadurecendo: granizo destruiu as plantações:
As videiras estavam promissoras: o céu escureceu a partir do sul,
E as folhas foram levadas ao chão por chuva repentina.
Eu não queria que fosse assim: eu não sou cruel em minha ira,
Mas eu negligenciei afastar esses males.
O Senado se reuniu, e votou à minha divindade,
Um festival anual, se o ano se mostrasse frutífero.
Eu aceitei seu voto³.

As *Saturnaliae* eram celebrações em homenagem ao deus Saturno, que era um dos deuses mais venerados pelos antigos romanos. Suas festividades, que duravam sete dias, e ocorriam no final de dezembro, eram umas das mais populares. Ele era considerado “o Deus da origem primeira, o Deus da Idade do Ouro, da idade áurea”⁴.

De acordo com a mitologia relatada pelas fontes latinas Saturno, teria chegado pelo mar à região do Lazio, onde futuramente seria fundada Roma, sendo recebido por Jano, que a

³ Ovídio, Fasti. Disponível em: <http://tkline.pgcc.net/PITBR/Latin/Fastihome.htm>.

Religio Romana. Roman Calendar. Disponível em:
<http://www.religioromana.net/calendar/romancalendar.htm>.

⁴ Tradução livre de: “*Dio delle prime origini, o Dio dell.età dell.Oro, da aurea aestas*”, frase encontrada em FERREIRA, Maria Nazareth. “Os Antigos Rituais Itálicos e suas Manifestações na Atualidade””, **Comunicação & política**, n.s., v.VII, n.1, p. 121-140. Disponível em: <http://www.cebela.org.br/imagens/Materia/2000-1%20121-140%20maria%20nazareth%20ferreira.pdf>.

governava. Uma vez lá Saturno, juntamente com Jano, difundiu seus conhecimentos sobre as artes, as leis, o uso da moeda, e especialmente sobre a cultura da terra, o que possibilitara que os antigos atingissem o estado de civilidade, dando início à Idade do Ouro – época na qual se vivia em paz, trabalhando, sem guerras ou conflitos sociais. Uma vez que Saturno teria ensinado os homens a cultivar a terra era sempre representado carregando uma pequena foice, e identificado como aquele que cultivava e podava a vinha. Sua festividade marcava o fim do ano agrário e religioso, e talvez por isso fossem comemoradas com uma exaltação além do normal.

Além disso, as *Saturnaliae* marcavam, com seus rituais, a passagem do Ano Velho para o Ano Novo, era um momento de confraternização, de bom augúrio para as colheitas e para o ano que estava por começar. Este era um período de muita esperança e expectativas não só devido ao novo ano que estava para ter início, mas porque o solstício de inverno era o dia em que o sol começava a ficar novamente mais quente, marcando o princípio do fim do inverno.

Mas como entender essas festas em uma relação com a contabilização do tempo e a população romana? Para tal se faz necessário analisar a cultura agrária romana e os próprios elementos: tempo, religião, e festa.

A sociedade romana era uma sociedade agrária. A agricultura era a atividade mais importante para os romanos antigos. Era praticada por todos de forma direta (caso dos camponeses e escravos que lavravam a terra com as próprias mãos), ou indireta (caso dos grandes proprietários, que costumavam entregar a lida de suas posses a administradores, chamados de *vilicus*), e constituía a base da riqueza romana. Esta riqueza era, entretanto, concentrada na mão de poucos, e a maior parte da população levava uma vida precária. Assim temos que, enquanto a elite praticava uma agricultura voltada para o comércio e o lucro, baseada principalmente na exploração da mão-de-obra escrava, os camponeses a praticavam visando à subsistência – a manutenção de suas vidas dependia diretamente do sucesso de seus cultivos.

Independentemente do modo como esta atividade era praticada, é clara a sua importância no mundo romano antigo, e, portanto, lógica a ligação feita entre o tempo e o ciclo produtivo, e à vida rural de uma maneira mais ampla. Era de suma importância situar-se em relação ao tempo para saber quando estava na época de semear, ou colher cada cultivo. E como essas ações eram realizadas de acordo com o clima, utilizar os ciclos solar e lunar, as mudanças de estação, e os equinócios e solstícios, como referência na passagem do tempo mostra-se uma opção adequada. A mensuração do tempo ao longo da História levou os homens a elaboração

de diversos instrumentos que possibilitassem a medição e a marcação do tempo, como calendários, relógios solares, e medidores de diversos tipos.

Segundo o sociólogo Norbert Elias o tempo é uma construção social que só pode existir em uma sociedade com um alto grau de complexidade, situada além do saber e da experiência, e atuando no campo das relações sociais. Seguindo esta lógica a apreensão do tempo compreende um caráter instrumental: é um meio de orientação do universo social dos homens, e um modo de regulação de sua própria coexistência. Assim o tempo é encarado como uma instituição que varia conforme o desenvolvimento de cada sociedade. “O indivíduo, ao nascer, é inserido no sistema temporal da sociedade a que pertence e, ao crescer, aprende a interpretar os sinais temporais usados e a orientar sua conduta em função deles” (ELIAS, 1984 *apud* BORGES, 2008:66). Nessa perspectiva o tempo aparece como a representação simbólica de uma variada rede de relações que agrupa sequências de caráter individual, social, ou apenas físico. Transmite mensagens significativas para a sociedade, atuando como uma instância reguladora dos comportamentos dos grupos sociais.

Assim, devemos fazer uma análise da sociedade romana e sua relação com o tempo. O império romano era formado por diferentes povos, que foram sendo conquistados ao longo dos séculos, e incorporados ao mundo romano. Apesar de suas diferentes origens, todas as populações que formavam o império tinham em comum a natureza agrária de suas sociedades. Essas sociedades antigas tinham uma noção de tempo cíclica, ou seja, o tempo seguia um movimento regular, em círculo, que se repetia periodicamente de maneira constante. Este não se desenrolava à parte do mundo dos homens, cada momento possuía um conteúdo preciso, específico e determinado. Sua cadência era ditada, e percebida, pelos ritmos da natureza, pela vida orgânica daquelas populações, de maneira que o calendário antigo espelhava a alternância das estações e dos trabalhos agrícolas relacionados a elas.

Em seu livro *Les Catégories de la Culture Médiévale* A. Gourevitch diz que o tempo é, em meio aos aspectos de uma cultura, “aquele que melhor caracteriza a natureza. Ele é a sua encarnação, é ligado à visão de mundo de uma época, ao comportamento dos indivíduos, à sua consciência, seu ritmo de vida, suas relações com as coisas”⁵.

Ao analisarmos as sociedades é perceptível desde o princípio a sua dependência em relação à diversos fatores, como o espaço e o tempo. No caso das sociedades agrárias sua dependência em relação ao tempo é marcante pelo fato de que o ritmo de vida daquelas pessoas era

⁵ GOUREVITCH, Aaron J., *Les Catégories de la Culture Médiévale*, Paris, Éditions Gallimard, 1983, p. 96.

determinado pelas mudanças climáticas periódicas que o acompanhavam, seguindo os ciclos das estações. Se o inverno fosse rigoroso demais ou o verão quente demais, ou, se por outro lado, a terra não fosse arada, ou as sementes plantadas no momento adequado, isso significava colheitas ruins, o que afetava diretamente as possibilidades de sobrevivência das comunidades.

Sua tentativa de compreensão e controle do tempo levou à estruturação de mecanismos que não estavam apenas ligados a sua vida material, mas principalmente à espiritual. O tempo não era uma entidade abstrata, vazia. Ele passou a ser visto como um dos domínios dos deuses, e entre estes e os homens havia uma relação constante, de modo que se acreditava que as ações humanas podiam intervir em suas mudanças, na medida em que agradassem ou não às divindades.

Como o tempo era tido como cíclico, foram se estabelecendo costumes que, da mesma maneira, deveriam se repetir periodicamente. Com o passar do tempo estes costumes foram consagrados pela tradição, cada qual com seu valor próprio, e assim a vida dos homens passou a ser marcada também por atos cíclicos, uma repetição de ações já antes efetuadas por outros, que com o decorrer dos séculos foram adquirindo caráter de mito, passando assim as próprias ações humanas para a esfera do sagrado. Assim temos que os deuses, o tempo, os ciclos da natureza, e os atos humanos passam a habitar a mesma esfera, do sagrado.

Estes costumes foram organizados dentro de mecanismos capazes de mensurar o tempo que possuíam, então, uma função regradora e orientadora da vida, tanto individual, quanto coletiva, uma vez que transmitiam as funções dos dias, meses e anos, que foram institucionalizadas pelas próprias relações sociais e pela tradição. Eram unidades de referência e significação do ethos cultural daqueles povos.

Dentre as possibilidades existentes para a medição e representação simbólica do tempo a mais comum é o calendário. Este, além de um objeto científico, baseado em observações astronômicas, e fenomenológicas, era um objeto cultural, relacionado a crenças. Organizava as ações humanas no tempo, dando ordem ao tempo social submetendo-o aos ritmos do universo, de maneira que dirigia tanto a vida pública quanto a individual. Os calendários particulares eram, no entanto de acesso restrito, e no antigo mundo romano podemos observar outro elemento, que aparece sendo capaz de exercer as mesmas funções, e possuindo as mesmas características. Este elemento são as festas, que garantem a repetição e atualização de ritos, celebrações e marcam datas importantes, assim se mostrando meios extremamente eficazes de marcar o tempo, guiar a vida e transmitir mensagens decodificáveis aos grupos

sociais. De tal maneira que se tornam elementos sociais passíveis de análise.

Antes de iniciar a análise das festas acredito ser importante elucidar um pouco mais a ligação entre as religiões pagãs e a natureza. Para tal podemos atentar para o que diz M. Godelier⁶. Segundo este autor, as forças produtivas utilizadas por uma sociedade para agir sobre a natureza, são formadas por dois componentes intimamente relacionados: uma parte material (os utensílios, o próprio homem, etc.); e uma parte ideal (representações da natureza, regras de fabricação etc.). Estas representações são fundamentais para a mobilização dos meios materiais, que se realiza através de conjuntos de ações encadeadas constituindo os processos de trabalho.

Por sua vez, estes processos de trabalho podem comportar, grande parte das vezes, atos simbólicos através dos quais não se age sobre a natureza visível, mas sobre poderes invisíveis que controlam a reprodução da natureza, e podem conceder ou negar aos homens aquilo que ambicionam, como uma boa safra, ou uma boa caça. As idéias não são uma instância separada das relações sociais, logo, o ideal está no pensamento em todas as suas funções, atuando em todas as diferentes atividades do homem, que só existe em sociedade. Ideal e material não são opostos. A ideia é uma realidade, embora não seja sensível, nem imediatamente evidente. E assim o autor conclui que o ideal é o que faz o pensamento, e sua complexidade corresponde à complexidade das funções do pensamento.

Godelier explica então as funções do pensamento. Em primeiro lugar temos as representações, que servem para tornar presentes ao pensamento “realidades” exteriores ou interiores ao homem, que podem ser materiais ou intelectuais, concretas ou imaginárias. Em seguida temos que toda “realidade” apresentada ao pensamento é sempre interpretada por ele, e interpretar é explicar, definir sua natureza, origem e funcionamento. Estas interpretações representam um mundo ou uma lei invisíveis, que passam a existir socialmente, mesmo que não correspondam a nada existente na realidade representada. Assim, partindo destas representações-interpretações, o pensamento organiza as relações dos homens com a natureza, e entre si, servindo de finalidade abstrata, e se apresentando sob a forma de regras de conduta, princípios de ação, etc. Observa-se, assim, que “as representações da “realidade” são interpretações que legitimam ou deslegitimam as relações dos homens entre si e com a natureza”⁷. As representações podem apresentar, muitas vezes, um caráter ilusório, ideológico. E as representações religiosas se apresentam como uma espécie de paradigma

⁶ GODELIER, M. **La part idéelle du réel**. Essai sur l'idéologique. L'Homme, XVIII (3-4):170-86, 1978.

⁷ Ibidem, pág. 188.

quando o assunto é ilusão. No entanto, é preciso levar em conta que estas só se apresentam como ilusão para o observador externo, enquanto para aqueles que crêem nelas, elas se apresentam como verdades fundamentais.

Dessa maneira temos que a sociedade romana antiga, através de representações-interpretações, estabeleceu uma ordem que explicava o funcionamento da natureza através dos deuses, permitindo-lhe organizar uma maneira de controlar essa natureza, através de ritos e preces. Essas representações-interpretações, esses ritos e preces, ao serem reproduzidos, e passados de indivíduo para indivíduo, geração para geração, se consolidaram na tradição através das religiões pagãs, se tornando parte da cultura desta sociedade. Assim, as religiões pagãs, com suas celebrações agrárias, representam uma parte importante do componente ideal das forças produtivas da sociedade romana antiga.

O calendário de festas pagão romano era rico em manifestações de ampla participação popular. Havia várias maneiras de se comemorar uma data festiva. Em Roma, numa mesma festa poderiam ocorrer, procissões, cortejos, contemplações, sacrifícios de animais, jogos gladiatórios, banquetes públicos, representações teatrais, corridas de carros, entre outras atrações. Elementos tradicionais presentes, se não em todas, na maioria das festas estudadas, eram a música e a dança. As celebrações ocorriam ao ar livre, perto de rios, bosques ou altares, ou nas redondezas dos templos, sob o sol ou a lua. Aconteciam tanto nas cidades quanto nas áreas rurais, e contavam com grande entusiasmo religioso.

Para dar início à análise das festas, seus significados, valores, e modos de celebração, é essencial ter em conta desde o princípio que estou me referindo a festas públicas, eventos grandiosos, que contam com a participação de grande parte da comunidade. E não a pequenas celebrações realizadas por reduzidos grupos de indivíduos. Também devo lembrar que, dentre o variado leque de ocasiões festivas, me focarei especificamente nas festas religiosas, pois eram estas que apresentavam uma ligação com a natureza, e porque ocorriam sempre em épocas, ou dias determinados, e estavam carregadas de simbolismos e significados que interferiam direta e diariamente na vida da população romana.

A festa é um fato social, um ato coletivo, que constitui o momento e o espaço da celebração. Como ato coletivo, representa uma das ocasiões mais intensas de compartilhamento de experiências e produção de discursos e significados, é um espaço por meio do qual se veiculam as crenças e os valores do grupo, constituindo-se num momento de afirmação da identidade coletiva, e percepção de conscientização sobre o pertencimento a um

determinado grupo.

As festas podiam apresentar diferentes significados. Podiam ser uma reatualização do momento da criação do mundo, da fundação da cidade, da origem de um povo, ou estar relacionadas com a fertilidade da terra, os movimentos dos astros, e as mudanças climáticas relacionadas a estes. Durante as festividades, a comunidade comemora os acontecimentos principais de sua vida coletiva. A festa está ligada à relação do homem com o espaço e o tempo e, também, com o seu desejo de dominar os mistérios da natureza. Perante as dificuldades de lidar com ambientes pouco conhecidos, os homens buscaram formas de elaborações místicas ou rituais capazes de assegurar um domínio, mesmo que essencialmente simbólico. As primeiras festas constituem uma tentativa de atribuir ordem a momentos de manifestação da natureza, de marcar o tempo no espaço - como na passagem do ano ou nas mudanças de estações.

“A renovação anual do ciclo produtivo da natureza estava ligada a ritos antiqüíssimos, comuns a diversas áreas religiosas: as festas e cerimônias que acompanhavam os vários trabalhos agrícolas, o arado, a sementeira e a colheita; os próprios ciclos da vegetação natural e da reprodução dos animais, tinham como ministros e protagonistas os próprios interessados; por isso havia práticas individuais e coletivas, ritos domésticos e cerimônias públicas, que se transmitiam de geração para geração”⁸. Muitas das antigas festividades rurais foram incorporadas ao calendário litúrgico do paganismo romano. Por exemplo, todo ano se celebravam as *feriae messis* após a colheita dos cereais e as *feriae sementivae* em dezembro, durante a sementeira.

Estas festas relacionadas ao ciclo produtivo surgiram como uma manifestação dos desejos e esperanças de um bom tempo para as plantações. Por isso seus ritos envolviam oferendas aos deuses, que detinham o controle do tempo, visando agradá-los e assim conseguir um clima favorável. De fato, a religião era um elemento marcante na cultura agrária romana. Os deuses não possuíam controle apenas sobre o tempo, e o clima, mas sobre os próprios cultivos e as pragas. Assim eles podiam tanto conceder fertilidade e bom tempo, como devastar as plantações, de modo que havia uma série de ritos e preces que faziam parte da vida dos homens dedicados à lavoura.

Exemplos da ligação entre agricultura, religião, clima e o movimento dos astros podem ser encontrados em textos de diversos autores antigos como Catão, Virgílio e Varão. Podemos observar isso nos trechos abaixo, retirados do trabalho destes autores:

⁸ Ibidem pág. 129.

"Começa a podar o olival quinze dias antes do equinócio de primavera⁹; Desse dia em diante, podarás corretamente por quarenta e cinco dias"¹⁰.

"Antes de ceifar, é preciso que uma *porca praecidanea*¹¹ seja sacrificada assim: sacrifica a Ceres uma porca como *porca praecidanea* antes de colher estes itens: espelta, trigo, cevada, favas e sementes de rábão de cavalo. Antes de imolares a porca, invoca Jano¹², Júpiter e Juno¹³ com incenso e vinho"¹⁴.

"Não toques a madeira a não ser no interlúnio ou na lua minguante. A melhor época para extrair a madeira que retiras ou cortas da terra são os sete primeiros dias após a lua cheia"¹⁵.

As festas eram momentos de potencialização dos rituais diários. Não é difícil imaginar o quão ampla deveria ser a participação popular nestas celebrações rurais, uma vez que elas asseguravam a existência do homem, já que seu objetivo era atrair as bênçãos celestes sobre os frutos da terra, responsáveis pelo seu sustento. Desta maneira o mundo campesino estava intrinsecamente relacionado a, e interessado nestes ritos. Entre os romanos, além de um momento de expressão das esperanças, e de comemoração dos desejos atendidos, as festas também assumiram a função de demarcar os momentos das diferentes atividades agrícolas.

Observando as fases da lua, as posições do sol, e sua relação com o clima, os indivíduos foram aprendendo quais eram as melhores épocas para se plantar cereais, frutas ou legumes, conseguindo assim obter melhores colheitas. As festas, relacionadas ao movimento desses astros eram ao mesmo tempo celebração e demarcação do tempo de semear e colher. Constituíam uma espécie de delimitação ritualística das atividades sazonais agrícolas, que eram associadas aos movimentos destes astros. Como já foi dito, os romanos mais ricos, grandes proprietários, não trabalhavam diretamente as suas terras, e possuíam calendários, de modo que sua relação com o tempo se dava de maneira diferenciada. Assim, é sobre os camponeses e escravos, que constituíam a maior parte da população romana, que reside o nosso foco.

Eram justamente essas pessoas que lidavam diariamente com a terra, eram eles que dependiam absolutamente do sucesso dos cultivos. Uma má colheita podia representar um

⁹ Tempo em que o sol corta o Equador, com a conseqüente equivalência de duração entre dias e noites.

¹⁰ TREVIZAM, Matheus. Linguagem e Interpretação na Literatura Agrária Latina. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2006 (Tese de Doutorado em Linguística), pág. 377

¹¹ *Porca praecidanea*: trata-se de uma porca sacrificada aos deuses antes (*prae*) da realização das colheitas.

¹² Deus romano que olha em direções opostas deu nome ao mês de janeiro.

¹³ Deusa romana, esposa de Júpiter.

¹⁴ *Ibidem* pág. 382.

¹⁵ *Ibidem* pág. 359.

prejuízo para um homem rico, mas para estes homens pobres representava a fome, e até mesmo a morte. Portanto, eram eles que realizavam as preces e ritos, e eram eles que acorriam em grande número às festividades religiosas, que além de tudo, representavam um dos poucos momentos de descanso e prazer na vida desta população. A forte relação entre as celebrações religiosas e a vida dos camponeses e escravos fica ainda mais evidente quando observamos que as festividades mais populares eram justamente as realizadas em honra aos deuses protetores dos principais produtos cultivados por estes indivíduos. Por exemplo, a *Cerialia* era realizada em honra à Ceres, que era a deusa dos cereais, um dos alimentos básicos da dieta romana.

Desta maneira, as festas religiosas se apresentavam como momentos marcantes na vida dos camponeses e escravos. Marcantes o suficiente para servirem de guia em relação ao tempo. A simples observância dos fenômenos naturais podia fornecer uma noção geral, mas as celebrações possibilitavam demarcar com exatidão os dias, semanas e meses. Ao demarcarem, o início de um ano, o fim de um ciclo produtivo, as mudanças de estações, a época de semear e a época de colher, essas festas passaram a determinar o próprio ritmo de vida da população, e assim se tornaram mecanismos eficientes de mensuração do tempo.

Referências bibliográficas

A. Fontes documentais:

Fasti Antiates. Rome, Museo Nazionale Romano in Palazzo Massimo alle Terme. Disponível em http://penelope.uchicago.edu/~grout/encyclopaedia_romana/calendar/antiates.html. Acessado em: 21 de maio de 2010.

MACROBIUS, *The Saturnalia*. Ed. and transl. Percival Vaughan Davies. New York: Columbia University Press, 1969.

OVID. *Fasti*. Translated by Frazer, James George. London: Cambridge University Press, 1931.

RENÉE, Michéle Salzman. "The Chronography of 354". In: *Roman Time: the Codex-Calendar of 354 and the Rhythms of Urban Life in Late Antiquity*. Berkeley, Los Angeles and Oxford: University of California Press, 1990.

B. Obras Gerais:

BORGES, Airan dos Santos. "Tempo e Poder: A Ordenação do Tempo no Calendário Romano Republicano". *Revista Gaia*, n. 5, ano VIII, 2008, p. 65-97.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. *O Trabalho Compulsório na Antigüidade: ensaio introdutório*

- e coletânea de fontes primárias*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003. 163 páginas.
- _____. *A Cidade-Estado Antiga*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1985. 96 páginas.
- FERREIRA, Maria Nazareth. “Os Antigos Rituais Itálicos e suas Manifestações na Atualidade”, *Comunicação & política*, n.s., v.VII, n.1, p. 121-140.
- FINLEY, M. I. *A Economia Antiga*. Porto: Edições Afrontamento, 1973. 294 páginas.
- GIORDANO, Oronzo. *Religiosidad Popular en La Alta Edad Media*. Madrid: Editorial Gredos, 1983. 312 páginas.
- GODELIER, M. “La part idéelle du réel. Essai sur l’idéologique”. *L’Homme*, XVIII (3-4):170-86, 1978.
- GONÇALVES, Ana Teresa Marques. “As Festas Romanas”. Conferência proferida na abertura da VI Semana de História “Indivíduo, Memória e Festa”, da UEG- Uruaçu. Revista de Estudos do Norte Goiano Vol. 1, nº 1, ano 2008, p. 26-68.
- GOUREVITCH, Aaron J. *Les Catégories de la Culture Médiévale*. Paris: Éditions Gallimard, 1983.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. 556 páginas.
- ITANI, Alice. *Festas e Calendários*. São Paulo: Editora UNESP, 2003. 110 páginas.
- LANTERNARI, Vittorio. *Festa, Carisma, Apocalipse*. Palermo: Sellerio, 1989. 213 páginas.
- LOPES, Eliana da Cunha. “Os Fastos: Festas e Rituais Pagãos Dedicados à Deusa Ana Perena”. *Soletas*, n. 19, ano X, jan/jun de 2010, p.80-90.
- MARTELLI, Stefano. *A Religião na Sociedade Pós-moderna: entre secularização e dessecularização*. São Paulo: Paulinas, 1995. 284 páginas.
- MENDES, Norma Musco. *Roma Republicana*. São Paulo: Editora Ática, 1988. 112 páginas.
- TREVIZAM, Matheus. *Linguagem e Interpretação na Literatura Agrária Latina*. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2006.